



Cultura!



O SAMBA JOVEM DOS VELHOS AMIGOS

O *Cultura!* bateu papo com o grupo “Velhos Amigos”, revivendo a memória e história vivas desses representantes da terra e da música, que mesclam samba, carnaval, música popular brasileira e rock. Vale a pena ouvir... E ler

Págs. C4 e C5

Telemarketing

O desafio de ter um celular ou telefone fixo no mundo moderno

Pág. C2

Machado de Assis

A modernidade antecipada nas obras do Velho Bruxo

Pág. C3

Contemporâneos

As críticas e protestos filosóficos do novo livro de Luiz Felipe Pondé

Pág. C3

Carlos Gomes

Como reviver a obra do compositor no ano em que se comemoram 180 anos de seu nascimento e 120 anos de sua morte

Pág. C6

Um pouco de

Cada arte...

TELEMARKETING

*
O.A.
SECATTOoasecatto@bol.com.br
www.oasecatto.com.br

Um dos desafios do mundo moderno é ter um celular — ou telefone fixo — e continuar imune ao telemarketing e à voracidade de seus operadores. Mas existem táticas — até eficientes — para quando a desculpa educada “obrigado, não tenho interesse” não surte efeito e, mesmo você não atendendo, eles continuam ligando.

ooo

Estique a conversa. Diga que você tem interesse, peça detalhes do produto ou do serviço, pense em várias situações hipotéticas e vá passando-as ao(à) atendente: “Em que cores vem impressa a revista?” “Você pode repetir os sabores do *shake*? Eu me perdi entre pitanga com graviola e napolitano...” “Posso escolher a cor do meu cartão?” “Qual a gramatura exata do papel do jornal?” “Dá para colocar a minha foto como pano de fundo no talão de cheques?”. Use a imaginação: “E se alienígenas destruírem as comunicações terrestres, minha internet vai continuar funcionando?” Continue até a ligação misteriosamente cair.

ooo

Mate já no nome. Pesquisas sérias comprovam: em 97,5% dos casos, a primeira coisa que o(a) atendente faz é confirmar o nome da pessoa para quem ele(a) ligou.

- É o senhor Olívio?
- Depende.
- Como assim, “depende”?
- Você pode soletrar?
- Soletrar? Mas...

- É. Sempre dá confusão.
- Ué, é Olívio, normal.
- Mas eu não sou normal.
- “Eu não sou normal” já é meio caminho andado para o(a) atendente desistir de você.
- Vamos lá: “o”.
- “O”. Isso.
- “L”... E tem o “i”.
- Tem acento?
- Não, é só “i”.
- Ah, então, não pode ser.
- Por quê?
- Meu Olívio é com “y”.
- Tudo bem, sem problema. Às vezes é só um erro de digitação. Eu vou...

— Não, não. Já não é bom sinal. Outra vez confundiram o nome. Me ofereceram um produto, só que era para outro Olívio. E eu nunca recebi... Fiquei esperando. Uma situação horrível.

— Não se preocupe, seu Olívio, não tem confusão. Eu refaço o seu cadastro, atualizo suas informações todas. É só o senhor me dizer...

— O quê? Você acha que eu vou passar meus dados por telefone para você, minha filha? É melhor deixar quieto.

- Mas, seu Olívio...
- A propósito, qual o nome completo que está aí?
- Olívio Luiz.
- Com “z” ou com “s”?
- “Z”.
- Ah, não sou eu mesmo. O meu é com “s”.

ooo

Ou dê uma de doido quando ela começar a soletrar.

- Vamos lá: “o”.

- “O”. Isso.
- “L”... E tem o “i”.
- Com ou sem acento?
- Ah, aqui não tem acento.
- “Aqui” onde?
- No sistema.
- Que sistema?
- O da empresa.
- Que empresa?
- A do seu telefone!
- Mas eu não tenho telefone!
- E tá falando onde, ora?!
- Eu achei isto na rua bem na hora que estava tocando!

ooo

Se for cartão de crédito. Diga “Graças a Deus!”, com ênfase, expressando profunda gratidão à atendente e aos céus, e que você estava *mesmo* precisando de *outro* cartão de crédito, que os outros dezessete que você tem já estão estourados, que você já não tinha mais onde pegar dinheiro, que banco nenhum mais assumia o risco de lhe dar algum crédito, que os órgãos de proteção ao crédito já o conheciam até pelo apelido de infância, que os agiotas já estavam ameaçando quebrar suas pernas, sumir com seu cachorro e sua família, etc. Pergunte sobre o limite que já está autorizado, se dá para aumentá-lo provisoriamente para, não sei, cem salários mínimos. E termine com “Até amanhã dá tempo de chegar o cartão?” Com desespero na voz.

ooo

Se não for de nenhuma empresa de que você seja cliente. Não sendo daquelas empresas que lhe mandam religiosamente boletos todo mês, onde você tem cadastro e depende dele para a continuidade dos serviços, é possível arriscar mais alternativas de abordagem.

Comente como se estivesse ofendido:

“Vocês não vão dar paz? Não têm respeito? Meu pai morreu e vocês ainda querem vender coisas para ele?!”

Ou, então, diga que nunca ouviu falar da pessoa, que ela se casou e foi morar no Japão, que ele está no sítio e não tem sinal lá, que a pessoa passou num concurso público em Roraima e nunca mais foi vista, que depois do ataque de *pit bull* que lhe desfigurou o rosto a pessoa não atende mais telefone. Essas coisas.

Diga que a pessoa era seu marido, que lhe batia e foi preso e, mais importante, comece a contar sua história triste: “Ele me batia, sabe? Mas eu o amo. Acho que, depois de uns anos na cadeia, ele vai me dar valor. Tudo começou quando a gente estava no bar do Jonas e...”

ooo

Dê um susto. Comece a dizer que conhece a operadora de telemarketing, que sabe onde ela está, que sabe a cor dos fones de ouvido dela e que está se aproximando, que está chegando perto, mais perto. E quando ela perguntar, com a voz trêmula, “Ah, é? De que cor são, então?”, você grita “Buh!!!”. Só para tentar derrubá-la da cadeira.

Ou vá falando bem baixinho, diminuindo o volume da voz. E quando a atendente disser “Hã?”, você grita. Qualquer coisa. Bem alto.

ooo

Se você fizer tudo isso, pode ser que eles marquem o seu cadastro com alguma cor desencorajante e escrevam no sistema: “desista”. O que é muito raro.



Palavra



“Não me preocupo muito em ter ou não uma posição como artista. Literatura para mim não é mercado. É a minha festa, é onde eu me realizo. Digo sempre: arte é missão, vocação e festa. Não me venham com essa história de mercado”

ARIANO SUASSUNA

NASCIDO EM JOÃO PESSOA (PB), EM 1927, O AUTOR DE “AUTO DA COMPADECIDA” E “O ROMANCE D'A PEDRA DO REINO E O PRÍNCIPE DO SANGUE DO VAI-E-VOLTA”, DENTRE OUTROS, MORREU EM RECIFE (PE), EM 2014.

Ariano Suassuna



Cultura! é uma publicação do jornal *O Extra.net*, concebida por O. A. Secatto com o apoio da Confraria da Crônica.

EXPEDIENTE
EDITOR: **O. A. SECATTO**
COLABORADORES: **GIL PIVA, JOÃO LEONEL, ZÉ RENATO E JACQUELINE PAGGIORO**
DIAGRAMAÇÃO: **ALISSON CARVALHO**

Literatura

Mesmo não tendo frequentado uma universidade, Machado de Assis foi um dos maiores gênios da literatura brasileira, antecipando vários procedimentos estilísticos que marcariam o início do romance moderno

A MODERNIDADE NO DISCURSO MACHADIANO

VALDIVINO PINA DA SILVA

Filho de pessoas humildes, Machado de Assis não frequentou regularmente uma universidade, no entanto, foi tipógrafo, poeta, dramaturgo, contista, cronista, romancista, crítico literário, presidente da Academia Brasileira de Letras e um dos maiores gênios da literatura brasileira. Observador arguto da alma humana, fez com que sua obra assumisse uma posição transtemporal, ao mesmo tempo em que formalmente antecipou vários procedimentos estilísticos que marcariam, por assim dizer, o início do romance moderno.

Em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, abandona a postura de pacto social que assumiu na primeira fase (*Ressurreição; Helena; A mão e a luva; Iaiá Garcia*) e passa a pena para o “senhor”. Brás Cubas é um proprietário de escravos, um parasita social, de quem todos dependem, a partir do qual pode-se perceber que, antes e depois da escravidão, a sociedade brasileira estava longe de ser igualitária.

Brás Cubas nasceu numa família abastada e sua formação foi determinada pela situação dessa família escravista (começa andando a cavalo em um escravo, um menino, que lhe deram para essa finalidade). Jovem, gastou uma fortuna com uma prostituta (Marcela); o pai envia-o à Europa para estudar. No entanto, o estudo é uma forma de obter apenas uma casca de civilização, conforme ele mesmo admite: “A universidade me atestou em pergaminho uma ciência que eu estou longe de trazer arraigada em meu cérebro”. De volta ao Brasil, teve um longo caso amoroso com Virgília, esposa de Lobo Ne-

ves. Quando o amor acaba e eles se separam, envolve-se em política, tenta a carreira científica (a criação do “Emplasto Anti-hipocondríaco Brás Cubas”) e morre antes de realizar qualquer dos projetos a que se tenha dedicado. Seu único ponto positivo, segundo afirma no último capítulo, foi não ter tido filhos, pois assim não transmitiria a ninguém a herança da sua miséria, como ser humano medíocre que foi.

É a partir desse enredo que o narrador Brás Cubas fala do ser humano em escala enciclopédica: dos primórdios da humanidade até o final dos tempos, dos tempos bíblicos até a modernidade, passando pela Revolução Francesa. Reflete sobre filosofia, política, religião e arte, este último o elemento mais importante aqui, a nosso ver. Enredo, no entanto, é apenas um pretexto para que Brás Cubas — um típico proprietário à maneira do século XIX, escravista, clientelista — antecipe através do seu discurso preceitos estéticos que marcariam a literatura moderna.

A modernidade machadiana explicita-se nos seguintes elementos: **quebra da linearidade** (as ações não obedecem a uma sucessão cronológica, mas a uma disposição interior); **metalinguagem** (o narrador comenta com o leitor a escrita do romance, fazendo-o assumir uma postura ativa na elaboração da narrativa); **digressões** (o narrador interrompe a narrativa e divaga sobre os mais variados assuntos); **ironia, humor negro** (expõe a miséria física e moral de seus personagens);

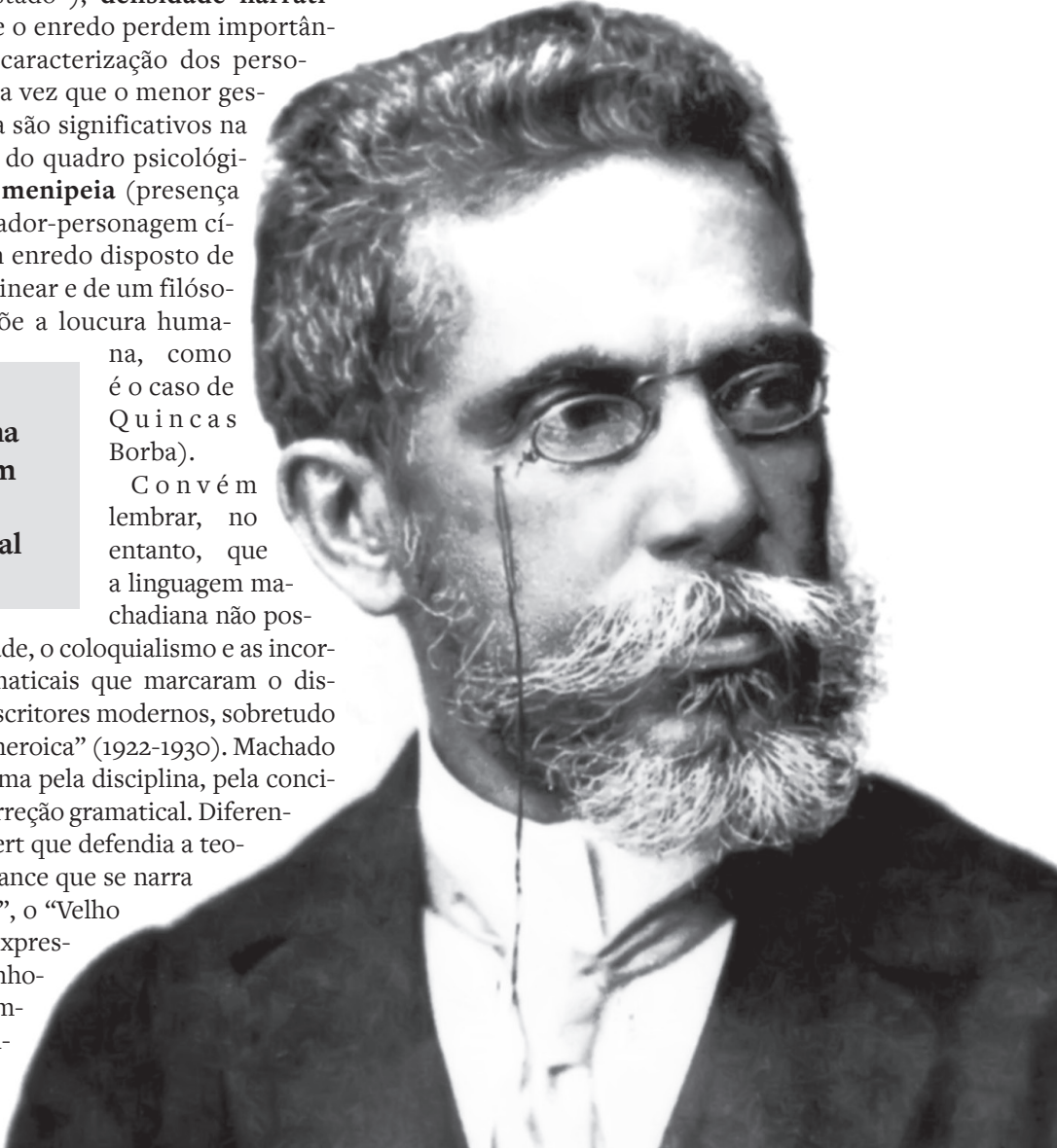
caráter não discursivo (o narrador abstém-se de discorrer sobre um determinado assunto, embora o faça explorando traços suprasegmentais ou a disposição gráfica das palavras, como nos capítulos “O Velho Diálogo de Adão e Eva”, “Epitáfio” e “De Como Não Fui Ministro D’Estado”); **densidade narrativa** (a ação e o enredo perdem importância para a caracterização dos personagens, uma vez que o menor gesto, uma fala são significativos na construção do quadro psicológico); **sátira menipeia** (presença de um narrador-personagem cínico, de um enredo disposto de forma não linear e de um filósofo que expõe a loucura humana, como é o caso de Quincas Borba).

Convém lembrar, no entanto, que a linguagem machadiana não possui a oralidade, o coloquialismo e as incorreções gramaticais que marcaram o discurso dos escritores modernos, sobretudo os da “fase heroica” (1922-1930). Machado de Assis prima pela disciplina, pela concisão, pela correção gramatical. Diferente de Flaubert que defendia a teoria do “romance que se narra a si próprio”, o “Velho Bruxo” (expressão carinhosa de Drummond) intromete-se na narrativa, fazendo

do-nos perceber no narrador Brás Cubas as reflexões do escritor Machado de Assis.

*

VALDIVINO PINA DA SILVA, MESTRE E DOUTOR EM TEORIA DA LITERATURA, É PROFESSOR UNIVERSITÁRIO



Lançamento

AOS CONTEMPORÂNEOS, AS BATATAS

Em novo livro, Pondé articula a linha de seus protestos filosóficos anteriores

CRÍTICA
★★★★☆ BOM

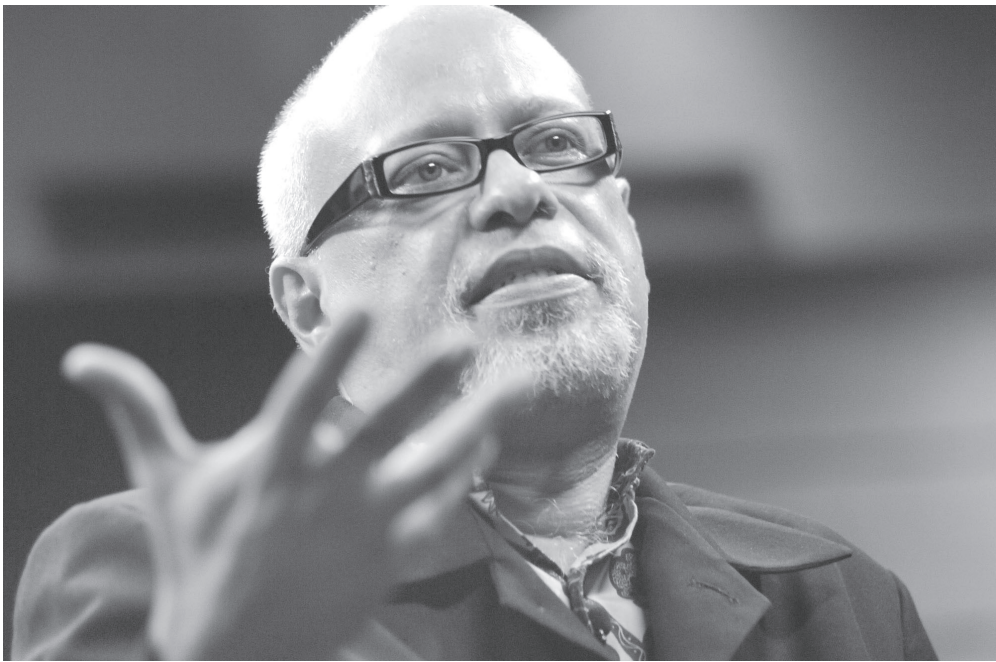
GIL PIVA

Se papas na língua, mas com ácidos argumentos que fazem do pensamento do professor, filósofo e escritor Luiz Felipe Pondé, uma figura controversa tanto no mundo acadêmico e intelectual quanto num espaço de leitores mais incultos, a que aliás se destina.

É sempre neste tom que Pondé avança pelo debate (ou ensino) da Filosofia. Doutor pela USP com suporte complementar pela Universidade de Paris, e com pós-doutorado na Universidade de Tel Aviv, ele vagueia com propriedade pelos mais diversos assuntos, desde política à religião.

Esmiuçando de forma ágil o pensamento contemporâneo, Pondé ousa em seus ensaios uma espécie de revisão das tradições comportamentais, chegando a sugerir que o mundo moderno não passa de uma panfletária atuação, efêmera e insuficiente. Assim tem sido com seus principais livros: *Contra um Mundo Melhor: Ensaios do Afeto* (2010), *Guia Politicamente Incorreto da Filosofia* (2012) e *A Era do Ressentimento: Uma Agenda para o Contemporâneo* (2014).

Lançado em julho, seu último trabalho, *Filosofia para Corajosos: Pense com a Própria Ca-*



beça, segue a mesma trilha e a mesma inflexão. Pode-se, de novo, notar as influências diretas de Pondé (Freud, Sartre, Nietzsche, Edmund Burke, Cioran, Oakeshott, Santo Agostinho, Pascal e Nelson Rodrigues), dando-lhe o embasamento necessário para manter sua irônica e pessimista sagareflexiva.

Uma das grandes facetas de Pondé é a de se declarar honesto ao leitor: “Escrevo para quem deseja falar sua própria lín-

gua em filosofia, e o primeiro passo é não ter medo do que pensamos em silêncio, apesar de termos medo de dizer em voz alta”. Neste ponto, desnudar a ordem do silêncio é uma transgressão que beira, vale lembrar, uma responsabilidade perigosa.

Noutro trecho, como prova de seus efeitos retóricos, enfatiza que “Uma certa leveza de espírito é necessária ao cético; do contrário, ele pode virar uma adolescen-

te boçal que acha que é a primeira pessoa inteligente na face da Terra”. E no capítulo “Deus Existe?” modula com audácia “sádica” a sensível e conflituosa imagem de um Deus eterno: “me parece misterioso e interessante de conhecermos, ainda mais de for uma ‘pessoa’. Qualquer um de nós no lugar Dele já teria se matado. Ninguém suportaria a eternidade e tanto conhecimento acumulado...”

Infelizmente, para quem acompanha parte da trajetória de Pondé — que também mantém uma coluna no jornal *A Folha de S. Paulo* — descobrirá logo pela metade do livro que seus temas e investigações muitas vezes repousam na rotina de ideias, conceitos e conclusões repetitivas.

Embora Pondé, noutra ocasião, tenha se defendido de maneira decisiva sobre essa questão, alegando que para que o ensinamento seja de fato eficaz precisa ser redundante, em nada modifica a sensação de que o estado frequente em que se expressa o autor pareça perder o diapasão no qual a percepção da filosofia se ancora.

Dizer a verdade trata-se de uma condição autêntica — por não desejar se suprimir —; porém permitir que essa autenticidade não vá muito longe, uma liberdade experimentada a baixo custo, significa sujeitá-la a um novo tipo de isolamento.

Excetuando isso, no domínio da vida comum, Pondé acerta no alvo as batatas para quem se definha sozinho e sistematicamente na arte de pensar.



FILOSOFIA PARA CORAJOSOS: PENSE COM A PRÓPRIA CABEÇA
Autor: Luiz Felipe Pondé
Editora: Planeta
(192 págs.; R\$ 34,90)

Capa

Fernandópolis, noroeste paulista, terra da música de raiz? Não só. A antropofagia de Oswald de Andrade se faz em degustação.

O APREÇO NÃO TEM PREÇO

JOÃO LEONEL
JOÃO FLÁVIO
ZÉ RENATO
JACQUELINE PAGGIORO

Dia 30 de agosto de 2016. Junto com a noite, aos poucos vão chegando ao Restaurante do Gaúcho, na entrada da Casa de Portugal, os 7 integrantes do grupo de samba fernandopolense “Velhos Amigos”. O time destacado para entrevistá-los tinha que ser de peso: João Leonel, João Flávio, Zé Renato e Jacqueline Paggioro. Assim como as cervejas que tomávamos e os petiscos para salgar a goela, as influências da banda são diversas.

ooo

Nós que aqui estamos por vós esperamos! Vivos. *In loco*, o suplemento *Cultura!* conversou com essa simbiose oswaldiana, o grupo “Velhos Amigos”. Conversa regada a cerveja e boa comida, como suplicam os deuses Baco e Dionísio, discurremos acerca da memória e história vivas desses representantes da terra e da música.

ooo

O grupo teceu suas origens: mescla de samba, carnaval, música popular brasileira (popular, não popularesca) e rock. A partida para vários cantos deste Estado, a fim de continuar os estudos, possibilitou a parte dos integrantes o néctar musical com o qual completaram o buquê dessa poderosa fermentação.

O projeto “Seis e Meia” citado pelo Carlinhos “Paspá”, rico momento de produção e construção do imaginário de nosso cancionário popular, fundia samba e MPB, melódica e harmoniosamente. Os velhos vinis também são parte essencial desse arcabouço.

Desde os primórdios do Carnaval de Rua em Fernandópolis, em 1978, quando a administração municipal subsidiava a festa popular, eles escrevem sua história. Criaram a escola de samba Fermentação, que, além do nome, possuía as cores como referências à cerveja, idolatrado néctar: dourado e branco, o líquido e o colarinho. Rivalizavam e se divertiam ao lado da “UVA - Unidos da Vila Aparecida”, “Sucata” e “Em Cima da Hora”, também históricas escolas de samba fernandopolenses. Ouçam, quero dizer, leiam nossos heróis.

Com vocês, “Velhos Amigos”...

PASPÁ - Nossas opções culturais eram festas que fazíamos na casa de alguém, ou serenatas. Nos reuníamos onde é hoje o Clube da Cesp, à época, em plena construção. Além de MPB, nomes como Gonzaguinha, Chico Buarque e Djavan, samba e pop rock eram nossas preferências. Começamos a estudar fora - não havia faculdade na região -, então fomos para São Paulo, Araçatuba, Araraquara. Alguns saíram daqui para estudar em outras cidades ainda no colégio. Quando nos reencontrávamos em nossas primeiras férias da faculdade, sempre curtíamos o carnaval.

PANTERA - Nessa época montamos a escola de samba “Fermentação”, uma homenagem à cerveja. Nossos ensaios eram no pátio da Fiat. As escolas desfilavam no trajeto entre o antigo “Batalhão” e o supermercado “J. Pires”, hoje o Sakashita. Nosso esquentar eram sempre nos botecos.

BALA - Mas não eram todos que bebiam assim, não... (risos)



1. **Márcio Mello Carnelossi**, 55 anos - Cajón e Percussão. O “Bala”. Cirurgião-dentista e professor universitário (Unicastelo).
2. **Carlos Alberto Phelippe**, 57 anos - Tamborim e voz. O Carlinhos da Lisboa, carinhosamente apelidado de “Paspá”. Um arquiteto (trabalhou sete anos na profissão) que virou comerciante.
3. **Carlos Augusto Pereira Bastos**, 52 anos - Violão e voz. O “Batata”. Funcionário público municipal.
4. **Ovídio Cesar Lavesa Martin**, 54 anos - Surdão e tantã. O “Vidião”. Cirurgião-dentista e professor universitário (Unicastelo).
5. **Luís Gustavo Biselli**, 41 anos - Violão e guitarra. O “Guto Marson”. Empresário.
6. **Fábio Ricardo R. Fernandes**, 52 anos - Pandeirola, reco-reco e chocalho (percussão). O “Caixa” ou “Pantera”, advogado e atual administrador judicial da FEF e também “administrador da banda” (nossos sinceros agradecimentos ao Pantera, o responsável por reunir toda a galera - várias ligações, WhatsApp incessantemente ativado para garantir a convocação geral).
7. **Silas Passarini**, 49 anos - Cavaquinho. O “TG”. Funcionário público municipal.

VIDIÃO - A cada ano adotávamos um boteco da cidade. Teve o “7 Copas” (na Avenida José Camargo Arruda, Avenida 14, com a Rua Espírito Santo), o “Bar do Marinho”, “Bar do Jair”. Todos nós gostamos de beber até hoje, por isso é que nos shows a cerveja só é liberada só depois que tocamos 50% do nosso repertório.

PASPÁ - De 1978 a 1983, nosso desfile de escolas de samba rivalizava com o Carnaval de Rua de Catanduva. Fernandópolis era referência regional.

VIDIÃO - Mas nem sempre dava tudo cer-

to. Nesses esquentas antes dos desfiles, descobrimos uma bebida nova, “abraço do capeta”. Lembram do “breque do pandeiro”?

BATATA - Cadê o Pela?

VIDIÃO - Apagou no bar, era muito forte aquela mistura.

PASPÁ - Chegou bem na hora do “breque do pandeiro” durante o samba no desfile da “Fermentação”, vem o apito, todo mundo esperando o pandeiro. Cadê o Pela? Só o encontramos lá no bar, depois do desfile.

VIDIÃO - Tomou dois “abraços do capeta”. Ficou por lá mesmo.

PASPÁ - Nessa época, por estudarmos fora, éramos universitários e tal, o pessoal da “UVA” nos chamava de “aparelho nos dentes”. Eles eram os “fiapo de manga”, nós, “aparelho nos dentes”. Mas nós ganhamos vários carnavais, fazíamos uma apresentação de respeito.

BATATA - Com todo respeito. Nossas fantasias, nossos carros alegóricos eram melhores, nossa escola era melhor, mas o samba da “UVA” era muito bom.

PASPA - Ganhamos os desfiles de carnaval por anos seguidos, porque nosso samba era bom, mas nossos sambas-enredo fizeram história. Em um deles fizemos uma homenagem ao Fefecê, “Fefão do meu coração”. (Até hoje a torcida Sangue Azul exalta esse samba-enredo da “Fermentação” durante os jogos da Águia).

PANTERA - Mantemos a amizade desde essa época, quando nos envolvemos muito com o carnaval. E permanecemos sempre juntos. Teve também o “GG” — Grupo Gulosão.

PASPA - O GG surgiu quando já estávamos quase todos casados. Por volta de 1986/87. Era uma grande festa. Comida, bebida e aproveitávamos também para colocar o papo em dia.

VIDIÃO - Nossos encontros aconteciam de 15 em 15 dias.

PANTERA - Sempre um dos amigos recebia todos os outros em sua casa, com nossas famílias, esposas e filhos. E não só nós da banda.

PASPA - E mantemos contato com a maioria desse pessoal até hoje, e sempre recordamos daquelas festas.

BATATA - Nessa época do GG, eu e o TG montamos uma banda de rock, a Mega-Hertz. Tocávamos no “Paquera na Avenida”, na “Chopperia 99”, no “Fora de Hora”. Escolhemos o nome porque a rádio 99 FM, quando inaugurou, tinha a chamada “noventa e nove vírgula nove mega-hertz”. Falamos: “Vamos colocar o nome de ‘Mega-Hertz’ na nossa banda, porque publicidade já teremos, e de gra-

ça. Toda hora vai falar o nome da nossa banda no rádio”.

TG - Mas fala aí quanto tempo durou a banda.

BATATA - Seis meses. Foi o tempo que levou para o dono da loja onde compramos os instrumentos vir buscá-los de volta.

BATATA - O cara era de Rio Preto e veio aqui em Fernandópolis buscar os instrumentos. Acabou com a nossa banda. Nós tocávamos em bares, em casamentos, na noite.

TG - Não paga pra você ver!

VIDIÃO - Falando em banda de rock, quando eu tinha 14 anos, toquei na Clínica Geral, precursora das bandas de baile em Fernandópolis. Tocávamos rock’n’roll, e o Saulinho Belúcio cantava em inglês,

era uma farra.

PASPA - Quem também tem uma história com o rock é o nosso mais novo “velho” amigo, né, Gutão?

GUTO MARSON - É verdade. Mais recentemente, toquei por alguns anos com a “Velho de War”, com o Serginho Kamiyama, o Ronaldinho Thomé, o Du Pessotta. Mas a primeira banda que toquei foi a “Brahmaskol”, com o Mané Mantovani. Toquei também na “Cabeça de Peixe”, com o Jedsom Kárta. Tocávamos na Praça da Matriz. E tenho minha origem musical que vem do meu pai, Lauro Marson, um dos pioneiros da Banda Sinfônica da cidade.

BATATA - Essa vontade de tocar, de sempre estar com uma banda é que nos motivou a montar a Velhos Amigos. Um dia, conversando com o TG, falei: “Vamos mostrar nosso trabalho em algum lugar”. Ligamos na hora pro Pantera.

PANTERA - Claro que foi motivo para marcarmos uma “reunião”.

TG - A primeira ideia foi montar um bar, um lugar onde nós tocaríamos, mostrá- ríamos nosso trabalho, mas também seria uma diversão.

PASPA - Sempre foi uma diversão tocar, esse envolvimento com o samba, carnaval, reunir os amigos.

BATATA - Pensamos, num primeiro momento, em alugar o Lual, que estava desativado e era um dos bares mais bonitos da cidade. Eu toquei lá na inauguração do Lual.

PANTERA - Aí, o Liminha (Gilmar Gavioli), numa das edições da COPASASP (*evento esportivo*) nos convidou para tocar. Foi de improviso, nem tínhamos criado a banda “Velhos Amigos” ainda. Não estávamos todos juntos naquele dia.

PASPA - Mas como sempre tinha muita gente na COPASASP e o pessoal gostou do som, o comentário foi se espalhando.

PANTERA - Aí entra na história o Júnior Sequini, da Secol. Isso há uns cinco anos. Foi quando formamos a banda, pra tocar mesmo. Surgia a “Velhos Amigos”.

BATATA - Nosso primeiro show foi no “Plazinha”. Isso mesmo, foi há uns cinco anos. Tinha um bom público, umas 200 pessoas, e o pessoal gostou.

PANTERA - Depois fizemos alguns shows beneficentes. Nos apresentamos com a OSFER – Orquestra Sinfônica de Fernandópolis, na Casa de Portugal. E aqui registramos nosso carinho e agradecimento ao pessoal da OSFER, Fernando Paina, Evandro Angeluci, Renato “Pipoquinha”. Um grande abraço pra vocês. Sempre precisamos de um *freelancer*, no baixo, na bateria. E eles estão sempre conosco. São nossos frilas.

VIDIÃO - Tocamos no Chalé Acústico. Teve até marchinha de carnaval no Chalé. Resgatamos o clima dos melhores momentos dos bailes de carnaval da Casa de Portugal.

PASPA - E temos nosso público cativo já. Vários casais nos acompanham, o pessoal gosta de dançar. Não temos a pretensão de ser uma banda profissional. É como falei, tocamos por diversão, e nossa amizade flui como música. Nossa amizade explica muito bem quem somos. O nome da nossa banda reflete exatamente isso.

VIDIÃO - Fica difícil ensaiar sempre, todos nós temos nossos compromissos, nossa vida profissional. Por isso, fazemos poucos ensaios, que duram de 40 minutos a uma hora, no máximo.

PASPA - Fazemos algumas apresentações beneficentes, já temos alguns shows agendados, mas pra todos nós, a “Velhos Amigos” é uma grande terapia. A mais eficaz que existe.



Ópera

No ano em que se comemoram 180 anos do nascimento de Carlos Gomes, em Campinas, e 120 anos de sua morte, em Belém, por que em nenhum espaço no Brasil se faz uma releitura integral de sua obra?

ECOS DE BAVENO

CLEBER PAPA

“Guido!...”
Guido Oliviero completara 19 anos em 1869 e gostava de sentir sua voz rebater nas paredes íngremes das montanhas ao norte oeste de Baveno, na Itália. No trecho que liga Baveno a Feriolo algumas dezenas de cavernas eram familiares para ele. Ali, seu ofício era extrair as peças de granito rosa que ornamentariam residências, palácios e as mais variadas edificações luxuosas. O mesmo granito rosa característico da Galleria Vittorio Emanuele, próxima do Teatro Alla Scala, em Milão.

Várias vezes Guido saiu do trabalho ao final do dia seguindo a pé pela Strada Cavalli até cruzar a Via Scapellini. Gostava de caminhar pela estrada rústica observando à esquerda e abaixo o Lago Maggiore. Quando o tempo estava firme e se encontrava com Gigio, pegavam um pequeno barco e remavam até a Isola Superiore. O acordo era que remasse na ida e seu amigo na volta. Assim os dois poderiam observar o sol se pondo, ouvindo ao longe os sons da pequena vila de Baveno. Num desses dias, quando voltavam, Gigio parou o barco e com um gesto simples sugeriu que prestassem atenção nos sons de um piano-forte que soava ao longe. Mal sabia Guido que aquelas notas em pouco tempo ecoariam no Alla Scala, com a mesma força que seu nome nas montanhas de Baveno.

Carlos Gomes, maestro compositor, brasileiro, percutia no velho piano-forte, em Baveno, as primeiras notas do *Guarany* enquanto escrevia cartas e mais cartas para Carlo D’Ommerville, o libretista que concluía o trabalho iniciado e abandonado por Antonio Scavlini.

*Sui campi insanguinati
Di Nachod e Sadova
Una fulminea prova
L’arma terribile fa.
Pife Paf*

*De mille e mille stinti
Elle non è mai pago
Contro il fucile ad ago
Non, più valor non v’ha.
Pife Paf*

(Nos campos ensanguentados,
De Nachod e Sadova
Em uma prova fulmínea
A arma terrível faz
Pif e Paf

Milhares e milhares de mortos
Ele nunca se sacia
Diante do fuzil de agulha
Não, não conta mais a valentia
Pif e Paf)

O fuzil de agulha foi uma inovação tecnológica na guerra de 1866, ao permitir a carga pela culatra da arma e não pela frente como era o modelo vigente. Esta arma dá nome a um dos números musicais (*Il Fucille ad ago*) da revista musical *Se Sa Minga* de Antonio Scavlini, com música de Carlos Gomes.

Tudo começou com a Terceira Guerra pela Independência da Itália.

A quantidade e a relevância dos eventos que cercam mais esta tentativa de unificação da Itália servem muito bem às qualidades dramáticas de Scavlini. Assim, o eixo dramático da revista está intimamente relacionado com os principais eventos da guerra em que a Itália se associa à Prússia contra o ainda invasor austríaco.

“Durante muitos séculos a península itálica foi um grupo fragmentado de es-

tados. A invasão napoleônica trouxe algum arranjo temporário de relativa autonomia dos povos italianos, desfeito pela queda do império de Napoleão e a invasão pelas forças austríacas. Naquela situação, a península compunha-se do Reino do Piemonte e Sardenha, do Grão Ducado da Toscana, o Ducado de Parma, os Estados Papais e o Reino das Duas Sicílias, aí incluindo sua sede no Reino de Nápoles. Esforços mais concretos de uma unificação política e geográfica iniciam-se em 1846 levando, ao longo do século, ao arranjo final que hoje se conhece como a República Italiana. Preliminarmente, por força de negociações entre monarquistas e grupos republicanos, o Reino das Duas Sicílias e o Reino da Sardenha se unificam sob o comando de Vittorio Emanuele II, que vem a ser o primeiro rei da Itália parcialmente unificada. Os Estados Papais, incluindo Roma, continuavam sob o controle do Vaticano e apoio francês, não se reportando ao Rei. A Lombardia e a importante região do Veneto continuavam sob o domínio do Império Austro-Húngaro. Nesta mesma época, a Prússia também estava em busca da formação de um estado alemão unificado e, em 1866, com este intento, entra em luta com a Áustria. Uma vez que, neste cenário, a Itália e Prússia apresentam um mesmo inimigo comum, a Áustria, os grupos italianos que buscavam a unificação entendem o momento como favorável à sua luta. Assim, o Reino da Itália se associa à Prússia e desencadeia-se a Terceira Guerra pela Independência da Itália.”

“Em um relativo pequeno espaço de tempo muitas batalhas ocorreram entre as forças envolvidas. As mais importantes e decisivas delas foram a Batalha de Sadowa, também conhecida como Batalha de Königgrätz, crucial para a vitória da Prússia sobre a Áustria; a Batalha de Custoza, em que o exército austríaco, numericamente inferior, derrota o exército italiano; e a Batalha Naval de Lissa, uma clamorosa derrota da marinha italiana, com perdas significativas em homens e naves, mesmo sendo a armada italiana superior em número à austríaca.” (*Se Sa Minga de Antonio Carlos Gomes: Contextualização Histórica* — Marcos da Cunha Lopes Virmondi; Lucas D’Alessandro Ribeiro; Rosa Maria Tolon; Lenita Waldige Mendes Nogueira)

O ano de 1866 foi crucial para a vitória dos aliados e a conquista da Independência Italiana.

Neste mesmo ano, Carlos Gomes se forma maestro compositor e, por alguma razão, Scavlini, um empresário e libretista bem-sucedido, o convida para compor a música da *rivista musicale Se Sa Minga* baseada nestes fatos e personagens.

Em seguida, Carlos Gomes convida Scavlini para escrever o libreto de *Il Guarany*. Aparentemente Scavlini não se dedicou como Gomes imaginava. Isto provavelmente os levou a um afastamento. Muito embora em todas as partituras conste o nome do libretista, foi Carlo D’Ommerville quem de fato encerrou o trabalho.

No período em que permaneceu em Baveno trabalhando a composição de *Il Guarany*, Carlos Gomes escreveu muitas cartas a D’Ommerville questionando, sugerindo e propondo, revelando muito do seu temperamento. Instável, entre submisso, respeitoso, irritado, nosso Selvagem da Ópera, como o chamou Rubem Fonseca.



Baveno, 8, 1869
Caro Carlo

Il duetto è fatto. Le prime strofe “Sento una forza indomita” mi hanno ispirato un’altra melodia che mi pare meglio di quella che senti...

E termina:

PS: La tua assenza da Baveno mi fa un male insopportabile, non posso rassegnarmene con tanta contrarietà.

Baveno, 26 agosto (1869)
Caro Carlo

Stava per scriverti quando ricevetti la tua carissima che rispondo ancora indeciso, ma che tu studierai ancora un poco, perché bisognamo prendere quanto prima una risoluzione!

Il duetto tra tenore e donna nel I atto mi piace, ma ti faccio osservare che Pery nella pagina 10 esce rapidamente per arrivare prima di Gonzales... Non capisco perché tanta importanza alla scena della camera degli avventurieri che contiene due soli pezzi...

E, após concluir:

PS: Se tu avresti il coraggio di voler passare una giornata a Baveno, faresti cosa grandiosa e benemerita al tuo Gomes. Però essendoti proprio impossibile, ciao. Io sarò a Milano il 10 settembre, ma prima desidero aver qualche pezzo per lavorare...

E assim seguiu Gomes até este ano de

2016 em que se comemoram 180 anos do seu nascimento em Campinas e 120 anos de sua morte em Belém.

Por que razões em nenhum espaço no Brasil se faz uma releitura integral de sua obra? Por que pouco se lembra de um compositor brasileiro que, além de nome de rua em duas cidades italianas, foi honrado com mais de 250 logradouros no seu próprio país?

Por que é tão obscura a sua história e tão limitados nossos escritos a respeito dele? Por que é tão difícil falar deste criador que pouco sensibiliza quem de fato poderia investir na produção de sua obra?

Por que é tão visível o desprezo inclusive na cidade em que nasceu?

Qual o problema de, sem ufanismo, se estudar, enaltecer, rever, criticar, avaliar incansavelmente um autor de mais 140 canções, várias óperas, cantatas?

*Se conoscere tu vuoi
il valor di certi eroi
Che dei fatti più minuti
Qual fra noi sono avvenuti
Tutto i ver ti si dipinga
Rispondiamo...
Se sa Minga*

(Se queres conhecer
O valor de certos heróis
Que de fatos mais banais
A nós acontecem
Toda a verdade te seja desvendada
Respondemos:
Não se sabe!)

*

CLEBER PAPA É DIRETOR, CENÓGRAFO, DRAMATURGO E PRODUTOR. É CRIADOR DA COMPANHIA DE ÓPERA CURTA